

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-643-0

DOI 10.22533/at.ed.430201512

1. Epistemologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A obra “Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas volume 3” reúne 25 artigos de autoras/es diversos sobre temas relacionados às ciências humanas, tornando-a uma obra interdisciplinar que permite às leitoras e aos leitores terem acesso à pesquisas desenvolvidas no Brasil sob os mais diversos aspectos teórico-metodológicos.

Este é o terceiro volume lançado pela Atena Editora cujo mote é apresentar de maneira clara, objetiva, concisa e atual, estudos desenvolvidos nas ciências humanas, nas áreas de ensino e pesquisa, com estudos de caso, estudos comparativos, iconográficos, estatísticas, catalogação, relatos de experiência, dentre outros.

Neste sentido, a obra está dividida em duas seções, sendo a primeira destinada a artigos de pesquisa e a segunda a artigos que trazem aspectos acerca da educação. A linha condutora da obra são os mais diversos tópicos que rodeiam as ciências humanas de pesquisadores em formação inicial e/ou continuada no âmbito da pesquisa e do ensino com artigos abordando assuntos atuais e uma vasta bibliografia.

Sendo assim os artigos, em sua mais diversa abordagem, versam sobre os temas: iconografia, cidades brasileiras e estrangeiras, patrimônio (cultural, imaterial, ambiental urbano), memória, preservação, sentimento de pertencimento, conflitos linguísticos, culinária/gastronomia, biografias, espaço museológico, plantas místicas, práticas agroalimentares, concepções de paternidade, concepções sobre o feminino, discussões acerca do conceito de colonialidade, bem como educação, formação continuada, práticas formativas, educação ambiental, ação docente, dentre outros assuntos.

Em um momento histórico de alta contestação das pesquisas científicas e da própria universidade, obras como esta são de fundamental importância e resistência para divulgar o avanço das pesquisas brasileiras e ressaltar a capacidade de diálogo entre as áreas. Desta forma a Atena Editora se mostra capacitada, articulada e se torna um espaço de divulgação e debate para que pesquisadoras e pesquisadores possam expor e divulgar suas pesquisas e considerações sob os mais diversos temas, trazendo ampla contribuição aos estudos realizados nas ciências humanas.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HISTÓRIA DE LONDRINA CONTADA POR IMAGENS: 20 ANOS DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Paulo César Boni

Cássia Maria Popolin

DOI 10.22533/at.ed.4302015121

CAPÍTULO 2..... 18

MOBILIÁRIO URBANO EM ÁREAS HISTÓRICAS: INTERRELAÇÕES INTRÍNSECAS NA PAISAGEM CULTURAL DE LISBOA E SALVADOR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015122

CAPÍTULO 3..... 35

A MEMÓRIA DOS MORADORES COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DE UM BEM: O CASO DO HORTO DEL REY EM OLINDA, PERNAMBUCO

Ariadne Paulo Silva

Jeremy Wells

DOI 10.22533/at.ed.4302015123

CAPÍTULO 4..... 50

A HISTÓRIA E TEORIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO MEDIANTE AÇÕES PROJETAIS SOBRE A PAISAGEM CULTURAL

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015124

CAPÍTULO 5..... 69

A CONVERGÊNCIA ENTRE PAISAGEM RURAL E PAISAGEM INDUSTRIAL: O CASO DA MINERAÇÃO À CARVÃO VEGETAL DE MADEIRA EM MINAS GERAIS

Ronaldo André Rodrigues da Silva

José Manuel Lopes Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.4302015125

CAPÍTULO 6..... 85

RETUMBANTE NATUREZA HUMANIZADA COMO A MEMÓRIA DA FLÂNERIE DA AMAZÔNIA EM LUIZ BRAGA

Thiago Guimarães Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.4302015126

CAPÍTULO 7..... 94

AS MOQUECAS BRASILEIRAS E OS *CURRYS* INDIANOS: UMA ANÁLISE DE ORIGEM

Maria Luiza Bullentini Facury

Alfredo Ricardo Abdalla

DOI 10.22533/at.ed.4302015127

CAPÍTULO 8.....	102
PLANTAS MÍSTICAS DA AMAZÔNIA TOCANTINA: AROMAS, RITUAIS E MEDICINA POPULAR	
Dyana Joy dos Santos Fonseca	
José Pompeu de Araújo Neto	
Jeferson Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4302015128	
CAPÍTULO 9.....	128
BIOMETRIA DOS FRUTOS, SEMENTES E DESENVOLVIMENTO DE PLÂNTULAS DE PATA-DEVACA (<i>BAUHINIA BRASILIENSIS</i> SPRENG. VOGEL) CAESALPINACEAE, FABACEAE	
Katiuscia Freire de Souza	
Marcia Noelle Monteiro de Castro	
Clarice Silva e Souza	
Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres	
Tatiana Vieira Braga	
Juliana Cristina dos Santos Almeida Bastos	
Vicente Wagner Dias Casali	
DOI 10.22533/at.ed.4302015129	
CAPÍTULO 10.....	140
PRÁTICAS AGROALIMENTARES DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS DE TAPEROÁ, BAHIA	
Sara Conceição dos Santos	
Juliede de Andrade Alves	
Luiza Guimarães Cavalcanti Spinassé	
Ianua Coeli Santos Ribeiro de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.43020151210	
CAPÍTULO 11.....	152
O SAKPÓ COMO EXPERIÊNCIA DO LIMIAR NO CONTEXTO SATERÉ-MAWÉ	
Solange Pereira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.43020151211	
CAPÍTULO 12.....	165
AS CONCEPÇÕES DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PATERNA EM HOMENS-PAIS	
Flávio Lúcio Almeida Lima	
Celestino José Mendes Galvão Neto	
Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli	
DOI 10.22533/at.ed.43020151212	
CAPÍTULO 13.....	181
COLONIALIDADE, MODERNIDADE E DECOLONIALIDADE: EM BUSCA DO GIRO DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.43020151213	

CAPÍTULO 14.....	199
SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO E A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO PARA A HISTORIOGRAFIA	
Rosinda da Silva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.43020151214	
CAPÍTULO 15.....	211
IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: REALIZANDO O CIRCUITO DA TAIPA DE PILÃO EM MOGI: UM OLHAR SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DA CIDADE	
Marcilene Romão Santos Iervolino	
Cristina Schmidt	
DOI 10.22533/at.ed.43020151215	
CAPÍTULO 16.....	228
CONFLITOS LINGÜÍSTICOS NO PARAGUAI. EMBATES ENTRE O JOPARÁ E AS LÍNGUAS OFICIAIS: CASTELHANO E GUARANI	
Luciano Marcos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151216	
CAPÍTULO 17.....	247
A CULTURA POLONESA NAS DANÇAS DO GRUPO FOLCLÓRICO KAROLINKA NA CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL – PR	
Ezieli Augustinhak Kaczyk	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151217	
CAPÍTULO 18.....	266
A FORMAÇÃO CONTINUADA SOB O ASPECTO DE PRÁTICAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
João Gabriel Rossi de Oliveira	
Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151218	
CAPÍTULO 19.....	277
ENSINO DE GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA	
Vanusa Aparecida Almeida	
Ana Paula de Carvalho Monez	
Luciana Coghi da Cruz	
Luiz Rodrigues	
Maria Margareth Mendonça	
Renata Caroline dos Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151219	

CAPÍTULO 20.....	284
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS ATIVIDADES INTEGRADAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO AMBIENTAL - NEO AMBIENT	
Clezi Conforto Zambon	
Ana Maria Taddei Cardoso de Barros	
Sandro da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.43020151220	
CAPÍTULO 21.....	291
AÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO CONTINUADA: SENTIDOS SUBJETIVOS EXPRESSOS POR UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA	
Sebastião Mateus Veloso Júnior	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151221	
CAPÍTULO 22.....	304
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS PARA TRABALHAR CONCEITOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO ENSINO MÉDIO	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151222	
CAPÍTULO 23.....	311
LÚDICO NO ESPAÇO DE MEMÓRIA MILITAR	
Augusto Machado Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.43020151223	
CAPÍTULO 24.....	320
DEU A LOUCA NO MUSEU	
Aline Ferreira Antunes	
Marina Ferreira de Souza Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151224	
CAPÍTULO 25.....	333
MUSEU NACIONAL E COLÉGIO PEDRO II: O DIÁLOGO ENTRE CASAS IMPERIAIS DEDICADAS AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	
Vera Maria Ferreira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.43020151225	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	349
ÍNDICE REMISSIVO.....	350

AS CONCEPÇÕES DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PATERNA EM HOMENS-PAIS

Data de aceite: 01/12/2020

Flávio Lúcio Almeida Lima

Universidade Federal de Campina Grande –
UFCG
Campina Grande – Paraíba
<http://lattes.cnpq.br/2434046376233977>

Celestino José Mendes Galvão Neto

Faculdade de Macapá
Macapá – Amapá
<http://lattes.cnpq.br/1234343736614038>

Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli

Universidade Federal da Paraíba – UFPB
João Pessoa - Paraíba
<http://lattes.cnpq.br/3894708493299308>

RESUMO: O estudo da paternidade deve ser compreendido a partir da construção social da masculinidade considerando-se, sobretudo toda a dinamicidade de transformações que necessariamente remetem a contextos sociais e questões ideológicas acerca do masculino. Toda esta realidade reflete mudanças irreparáveis não apenas no homem enquanto indivíduo, mas também em todos os papéis que este homem desempenha na sociedade e na família. Este estudo objetivou identificar a influência das concepções da paternidade na construção da identidade paterna em homens-pais. Tratou-se de um estudo com abordagem qualitativa. Participaram 40 homens-pais, na faixa etária entre de 22 e 47 anos, tempo de parentalidade mínimo de 1 ano, relacionamento estável, e classes

sociais diversas. Instrumentos: 1) Entrevista Semiestruturada: com o intuito de apreender discursos acerca das vivências e concepções da paternidade; 2) Questionário sociodemográfico: que buscou levantar dados acerca da idade, renda, tempo de relacionamento, status conjugal, número de filhos e escolaridade. As entrevistas foram processadas por Análise Categórica Temática, proposta por Figueiredo (1993). A partir da análise dos relatos dos participantes, emergiu a classe temática Paternidade composta pelas seguintes categorias e subcategorias: 1- Transformação (Cultural; Familiar; Pessoal); 2- Papéis (Provedor; Social); 3- Responsabilidade (Participação; Cuidado; Disciplina; Referência); 4- Realização; e 5- Limitações (Pessoais; Materiais). A paternidade enquanto construção social é moldada conforme o tempo histórico em transição. A identidade paterna é tida como algo em constante transformação a depender do contexto sócio-histórico do homem e os sentidos atribuídos pelos sujeitos, neste sentido, a forma com a qual o homem foi socializado vai implicar necessariamente na sua identidade paterna e, conseqüentemente, no seu comportamento frente a paternidade.

PALAVRAS - CHAVE: Paternidade; Identidade Social; Homens-pais.

CONCEPTIONS OF PATERNITY AND ITS INFLUENCE ON THE CONSTRUCTION OF PATERN IDENTITY IN MEN-PARENTS

ABSTRACT: The study of paternity must be understood from the social construction of masculinity, considering, above all, the dynamics

of transformations that necessarily refer to social contexts and ideological questions about the masculine. This whole reality reflects irreparable changes not only in the man as an individual, but also in all the roles that this man plays in society and in the family. This study aimed to identify the influence of conceptions of fatherhood on the construction of fatherly identity in male parents. It was a study with a qualitative approach. Forty men-parents, aged between 22 and 47 years, participated in a minimum parental period of 1 year, had a stable relationship, and different social classes. Instruments: 1) Semi-structured interview: in order to apprehend discourses about the experiences and conceptions of fatherhood; 2) Sociodemographic questionnaire: which sought to collect data about age, income, length of relationship, marital status, number of children and education. The interviews were processed by Thematic Categorical Analysis, proposed by Figueiredo (1993). From the analysis of the participants' reports, the thematic class Paternity emerged composed of the following categories and subcategories: 1- Transformation (Cultural; Family; Personal); 2- Roles (Provider; Social); 3- Responsibility (Participation; Care; Discipline; Reference); 4- Realization; and 5- Limitations (Personnel; Materials). Fatherhood as a social construction is shaped according to the historical time in transition. The paternal identity is seen as something in constant transformation depending on the socio-historical context of the man and the meanings attributed by the subjects, in this sense, the way in which the man was socialized will necessarily imply in his paternal identity and, consequently, in the their behavior towards paternity.

KEYWORDS: Paternity; Social Identity; Men-fathers.

INTRODUÇÃO

Qual seria o papel do pai na história? O comportamento masculino frente à paternidade é caracterizado historicamente pela figura do “pai provedor”. Tal evidência deve-se à herança histórica atribuída ao patriarcado e ao modelo de família nuclear burguesa as quais ajudaram a normatizar o masculino ao longo do tempo. Segundo Connel (1995), o patriarcado ajudou na institucionalização de uma masculinidade hegemônica que se explica através da representação do homem enquanto um sujeito viril, superior, ativo e provedor, o que reforçou a dominação masculina em detrimento ao feminino. De forma semelhante, a concepção de família burguesa, datada do século XVIII, com a divisão sexual do trabalho delegou ao homem a função de provedor econômico do lar. Portanto, por muito tempo atrelou-se ao masculino uma condição de virilidade e de provisão de bens familiares os quais se perpetuam até hoje (Áries, 1981).

Nessa perspectiva, na contemporaneidade, observa-se o rompimento do modelo tradicional de paternidade em detrimento a uma “nova paternidade” que se caracterizaria, principalmente, por vínculos afetivos no trinômio pai-mãe-filhos. Hoje se observam mudanças na função paterna, o modelo de pai provedor já não mais representa plenamente a paternidade. Existe um “novo pai” que se sobrepõe a um “pai antigo”. Os estudos sobre a “nova paternidade” defendem uma concepção fundada no envolvimento afetivo do homem-pai com a família, neste caso seria também o homem responsável pela dimensão de cuidados e afetividade para com os filhos, papel antes delegado apenas ao feminino.

O “novo pai” surge a partir do rompimento com o pai tradicional e do estabelecimento de uma nova masculinidade pautada no cuidado, participação e afetividade (Montesinos, 2004; Gomes & Resende, 2004; Cebotarev, 2003). A literatura indica o crescente interesse pelo estudo dos desdobramentos da nova paternidade em detrimento ao patriarcado (Silva & Piccinini, 2007; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Serôdio, 2009; Piazzalunga & Lamounier, 2011).

A vivência da paternidade contempla, portanto, uma construção que envolve mudanças identitárias masculinas e concepções de gênero. Neste sentido, evidencia-se a necessidade em se compreender a identidade paterna como construída a partir das concepções dadas a paternidade enquanto fenômeno na vida de cada pessoa. Tal intento foi foco no estudo em questão. Para tanto, como fundamento teórico, utilizou-se a Teoria da Identidade Social sob o prisma da Psicologia Sócio-histórica.

De acordo com o pensamento de Vygotsky, devido o seu caráter histórico, a subjetividade humana não é estática, mas sim dinâmica, mutável e construída a partir da mediação das interações sociais e culturais, dessa forma percebe-se também a sua relação com a construção de identidades. A partir da interação com os outros cada pessoa constrói uma percepção de si mesmo que serve de base para suas ações, principalmente, no que refere a funções desempenhadas na sociedade, tal percepção de si na história das ciências sociais nasceu a partir da noção de identidade (Aita & Facci, 2011; Sirgado, 2000; Vygotsky, 1991). Com base em Vygotsky, verifica-se o quanto na determinação da identidade social está implicada a historicidade e os contextos culturais, a identidade social se constrói sob a perspectiva de um tempo e espaço que faz parte do todo existencial do ser humano, assim reconhece-se a dinamicidade peculiar atrelada a este constructo. Por sua vez, Ciampa (2001) apresenta um conceito de identidade fundado numa abordagem dialética onde os aspectos individuais se relacionam com aspectos sociais, políticos, econômicos, históricos, etc. Neste sentido, o homem é determinado por um conjunto de relações sociais que ocorrem num todo histórico. Assim, a identidade é vista como processo dialético, histórico, político e social, portanto uma construção, um constante processo de devir.

Ante o exposto, justifica-se que a formação da identidade paterna assim como a masculina pode ser entendida a partir de uma construção social. São as interações sociais que permitem estabelecer normas ou conceitos baseados na sua condição (masculina ou feminina). Portanto, parece relevante se investigar quais as concepções da paternidade estão na base da formação da identidade paterna. Com base nisso, o objetivo do estudo em questão se restringiu a identificar a influência das concepções da paternidade na construção da identidade paterna em homens-pais.

MÉTODO

Delineamento e lócus do estudo

Tratou-se de um estudo na abordagem qualitativa, onde se buscou compreender os significados atribuídos ao fenômeno a partir das vivências dos sujeitos. Tal estudo foi realizado na região metropolitana da cidade de João Pessoa/PB.

Participantes

Participaram do presente estudo 40 homens-pais, na faixa etária entre de 22 e 47 anos, tempo de parentalidade mínimo de 1 ano, relacionamento estável, e classes sociais diversas. Os participantes foram selecionados de forma aleatória, sendo respeitados os critérios de inclusão no estudo e concordância em responder os instrumentos. Critérios de inclusão: ser homem-pai adulto, não ser pai adolescente, nem avô. Na Tabela 1, logo abaixo, discrimina-se o perfil sociodemográfico da amostra

<i>Faixa etária</i>		<i>Classe socioeconômica</i>				
		<i>Renda</i>		<i>Nível de instrução</i>		
		<i>≤ 3</i>	<i>> 3</i>	<i>Educação</i>	<i>Ensino</i>	
		<i>salários</i>	<i>salários</i>	<i>básica</i>	<i>superior</i>	
<i>N</i>	26	14	25	15	27	13

Tabela 1 – Perfil sócio-demográfico dos participantes

Instrumentos

Foram utilizados como instrumentos: 1) Entrevista Semiestruturada: com o intuito de apreender discursos acerca das vivências e concepções da paternidade; e 2) Questionário sociodemográfico: que buscou levantar dados acerca da idade, renda, tempo de relacionamento, status conjugal, número de filhos e escolaridade, com o intuito de se traçar um perfil sócio-demográfico dos participantes.

Procedimento de coleta de dados

Após a aprovação ética, explicação dos objetivos e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes, procedeu-se a coleta dos dados. As entrevistas foram realizadas de forma individual, audiogravadas mediante autorização do participante, em ambiente de privacidade e de acordo com a disponibilidade do participante, para tanto foram agendados previamente os encontros tendo em vista as atribuições e condições de trabalho de cada participante. Todas as entrevistas foram transcritas para posterior análise.

Análise dos dados

As entrevistas foram processadas por Análise Categórica Temática, proposta por Figueiredo (1993), a qual consiste na relação dos discursos emergentes com as variáveis temáticas de interesse.

Aspectos éticos

Este estudo respeitou os aspectos éticos fundamentado na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS que regulamenta a ética em pesquisa com seres humanos, tendo sido submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba – CEP/SES-PB. Ademais, todos os participantes foram esclarecidos acerca dos objetivos da pesquisa e sobre a possibilidade de desistência a qualquer momento. Também foi assegurado o sigilo de todas as informações fornecidas. Após seu assentimento, foi assinado o TCLE. Optou-se por atribuir nomes fictícios aos participantes com o intuito de salvaguardar as identidades dos mesmos, bem como assegurar o sigilo de informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos relatos dos participantes, foi construída a classe temática *Paternidade* composta pelas seguintes categorias e subcategorias:

1- Transformação (Cultural; Familiar; Pessoal)

Na vivência da paternidade a tradição cultural da família reflete-se de forma efetiva ajudando a determinar o comportamento masculino. Neste sentido, a paternidade passa a ser encarada a partir da reprodução dos valores adquiridos na tradição cultural familiar, o pai da família de origem serve de referencial para os filhos que também são pais:

“Porque, a minha família ela frisa muito esse negócio de responsabilidade. (...) eu cresci com essa representação de pai responsável. Isso me trouxe mais ainda a responsabilidade, ou seja, só fez confirmar aquilo que eu já previa que fosse.”. (Netuno, 37 anos, 3 filhos)

Para Szymanski (2004), a família deve ser objeto de atenção psicoeducacional, uma vez que a socialização principia no convívio familiar por meio de práticas educativas efetivadas para transmitir valores, costumes, crenças e conhecimentos que acredita-se ser importante na inserção social dos filhos.

Dessa forma, percebe-se então a relevância da transmissão geracional na composição da identidade paterna. A transmissão geracional apresenta-se como fator de grande importância para o processo de subjetivação, a consciência humana é construída pelas mediações com o meio sócio-cultural (Vygotsky, 1991). Portanto, o processo de mediação é condição básica para que se desenvolva a consciência, e dentro dela um senso de si, a exemplo da identidade paterna. Reconhece-se nisso que a subjetividade humana é

condicionada à internalização de conhecimentos historicamente construídos (Aita & Facci, 2011).

Ficou evidente que o casamento se plenifica com os filhos, o sentido da vida conjugal encontra-se na parentalidade, na continuidade geracional e este momento novo de mudança na família é expectativa masculina:

(...) ser pai, todo ser humano que casa quer ter filhos, (...) Já significa a progressão da vida, a dar continuidade, vamos dizer assim a genética que a gente tem, a continuidade da geração. (Hermes, 42 anos, 3 filhos)

Nisso, pode-se perceber implícito na fala de Hermes, a construção de um discurso pautado no conceito de masculinidade hegemônica e, conseqüentemente, numa visão tradicional de paternidade, onde se espera do homem o compromisso com a reprodução e a continuidade da descendência. Para Connel (1995), a masculinidade hegemônica é a configuração de gênero que reforça a ideia da dominação masculina e do patriarcado, nela o masculino é defendido enquanto viril, ativo e reprodutor. É responsabilidade masculina a perpetuação de sua descendência, o homem precisa ter filhos, não tê-los, significa não ter sentido algum a conjugalidade e a família.

Outro importante aspecto enunciado refere-se às mudanças decorrentes no ciclo de vida familiar no desenvolvimento humano. Para Papalia, Olds e Feldman (2006), a paternidade e a maternidade proporcionam ao adulto uma experiência de desenvolvimento, ou seja, com a chegada dos filhos os pais necessariamente experimentam transformações de cunho psicológico e social em suas vidas.

(...) com relação a ser pai, eu já sabia que teria que ter uma responsabilidade, mas eu não sabia que seria tão difícil, (...) a questão da educação, a questão de se dispor, a questão de se anular pelos filhos, (...) Eu continuo com o mesmo pensamento, só que uma coisa, vamos dizer assim, mais maduro. Amadureceu com o tempo, com a convivência (...) foi sendo moldado, não modificado, moldado. (Adônis, 34 anos, 3 filhos)

A paternidade também atinge a dimensão pessoal masculina ajudando a moldar a personalidade e, conseqüentemente, a identidade paterna. Ao se tornar pai o homem experimenta um grau maior de maturidade. Parece que a adolescência de fato termina e a adultez é atingida de forma mais evidente, exige-se um comportamento mais sério e voltado para o privado, como afirma Apolo:

(...) então eu sai de uma adolescência, comecei um casamento e agora, passando pra condição de pai, então é você entrar na fase adulta de verdade. (Apolo, 29 anos, 1 filho, 3 salários)

Segundo os participantes, a responsabilidade é uma marca da identidade paterna, uma característica inerente a todo homem-pai:

Mais responsável, mais adulto nas coisas que faz. Eu acho dessa forma, com certeza ele (o pai) muda totalmente. (Narciso, 28 anos, 1 filho)

Esta representação traz implícita concepções tradicionais de gênero que se traduzem na compreensão do pai enquanto a figura responsável da família, aquele que carrega o peso de responsabilidades, que planeja e, portanto, providencia as demandas familiares. Historicamente, todas estas são atribuições delegadas ao gênero masculino e, conseqüentemente, ao homem-pai; e também se encontram sustentadas no conceito de masculinidade hegemônica (Connel, 1995). Estudos na área corroboram a reprodução de papéis de gênero nas concepções masculinas acerca da paternidade, a responsabilidade e provisão de bens são relacionadas como atributos do homem-pai (Jager & Bottoli, 2011; Amaro, 2008).

A relação pai-filho parece trazer ao homem certa sensibilidade relacional que permite enxergar as nuances da relação com o outro, assim são percebidas novas características masculinas não observadas antes, voltadas para uma dimensão afetiva no contato com o outro, conforme menciona Eros nesse fragmento de sua fala “(...) *há uma descoberta de mim mesmo, que eu nem achava que podia ser, e sentir, e do outro também, (...)*”. Tais aspectos são típicos de um novo modelo de homem e de pai, nele a paternidade se faz a partir do envolvimento afetivo do pai no cuidado com os filhos (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). Essa nova visão amplia as experiências masculinas, pois rompe com o modelo tradicional de pai provedor que tornava o pai distante das relações afetivas familiares (Cebotarev, 2003; Freitas, Coelho & Silva, 2007).

2 - Papéis

2.1 Provedor (Material; Afetivo; Educacional)

Fundado em concepções tradicionais, a paternidade foi limitada principalmente à provisão de bens necessários ao sustento da família. Nesta ótica, o pai é o membro familiar que trabalha, obrigatoriamente é o responsável pelas finanças, é o administrador financeiro do lar, sob o qual se relaciona todo o sustento da casa.

O pai é responsável a colocar comida dentro de casa, pagar aluguel, energia, gás. (Aquiles, 29 anos, 1 filho)

A responsabilidade que eu tenho na família é dar de comer aos filhos, porque se não for aí complica né. (Perseu, 34 anos, 2 filhos)

Conforme visto, estas concepções remetem a padrões instituídos desde épocas remotas na história social da família os quais se perpetuaram até contemporaneidade, sendo influentes em discursos sobre paternidade. Historicamente, a família romana era guiada pelo poder paternal (*paterfamilias*), cabia ao *pater* administrar o patrimônio da família e exercer poder absoluto sobre a mulher, os filhos e escravos (Santos & Santos, 2009). Sob esses pressupostos foi estruturado o patriarcado e, posteriormente, a família nuclear

burguesa que trouxe a divisão sexual do trabalho como marca (Áries, 1981). Evidenciou-se nas falas dos participantes certa necessidade de transparecer a execução do papel de provedor material perante a família. O exercício da função de mantenedor do lar também precisa ser exteriorizado com o intuito de reconhecimento intrafamiliar.

(...) quando você tem um filho, você tem que se comprometer, tem que botar seriedade no trabalho, pra você manter, poder criar ele. Ele vê em você que você trabalha pra sustentar ele (...) paga uma escola boa, pra que ele no futuro assim, ter a educação que eu tive. (Helano, 26 anos, 1 filho)

A dimensão afetiva na relação familiar foi ressaltada pelos participantes como algo importante dentro do papel de provedor. Este aspecto salientado dá um novo sentido ao papel de provedor, tradicionalmente conhecido. Quando se fala de provedor, relaciona-se logo a questão material na função paterna, porém os pais estudados pontuaram o “ser amoroso” também como uma questão de provisão. Portanto, ao pai cabe a função de transmitir carinho, zelo, cuidado, afeto e amor aos filhos:

(...) você se esquecer de você pra se afetar com o outro, mais com o outro. (...) ser pai pra mim é ser basicamente amoroso com os filhos, (...). (Adônis, 34 anos, 3 filhos)

O amor pelo filho foi enfocado como fator imprescindível na família. Um amor que encontra sentido no ato de renúncia de si e cuidado pelo outro, e que se sobrepõe a qualquer outra coisa passando a ser o “pilare de toda a família”, como bem afirmou Ajax. Estudos acerca da paternidade participativa apontam a emergência de uma paternidade com intensidade emotiva, com maior contato, amor e cuidado com os filhos, tais fatores contrariam estereótipos tradicionais acerca do masculino e da paternidade, nesta caso cabe ao pai também provê a dimensão afetiva do lar (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Gabriel & Dias, 2011). Apesar da transformação, ressalta-se que tal aspecto é algo a ser construído ou mesmo melhorado.

A relação de afeto no exercício da paternidade faz menção ao modelo de “novo homem” que concebe o homem enquanto participante da vida privada da família (Staudt e Wagner, 2008); e o modelo de “nova paternidade” o qual reconfigura o papel do pai na família, associando-o à participação, cuidado e transmissão de afeto (Montesinos, 2004; Cebatorev, 2003; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). A literatura indica interesse por esta nova faceta da função paterna que faz parte da paternidade contemporânea. Na nova paternidade abstrai-se uma ampliação no envolvimento pai-filho, abstrai-se a abertura do pai a uma dimensão sensível e participativa da relação os quais indicam caminhos de reinvenção do papel paterno (Oliveira & Silva, 2011).

Ante o exposto, corrobora-se a identidade como transformação determinada pelo tempo histórico. É a dinâmica das relações sociais que vai estabelecer a identidade social. Dessa forma, as mudanças nas relações sociais constituirão também mudanças identitárias

(Ciampa, 2001). Na contemporaneidade, a paternidade vive à sombra de um processo transicional, não se observa um modelo representativo ideal, vive-se o impasse entre a paternidade tradicional e a nova paternidade.

A paternidade também foi relacionada com a educação e formação dos filhos. Neste sentido, observou-se que o pai deve ser provedor educacional, deve ter compromisso com a educação dos filhos, no sentido de instruí-los para o bem, para a vida e para a convivência em sociedade, a saber:

“Educa-lo para vida (...) a pessoa quanto mais educada ela for, mas ideias construtivas ela terá, né. (...) A educação ela é bem mais abrangente, educar em todos os aspectos. (...) Então, eu tento fazer isso (...)”. (Ulisses, 47 anos, 4 filhos, 2 salários, ensino superior, não participante do pré-natal feminino)

Naturalmente, o papel de educadora esteve relacionado à mulher. O “instinto materno”, mencionado por Badinter (1985), impulsiona a mulher para a função de educadora por excelência, a mulher seria então dotada desse instinto que se encontra na base de seu papel de educadora moral. Também a divisão sexual do trabalho vigorada a partir da estruturação da família burguesa do século XVIII ajudou a representar o espaço privado do lar à mulher, e nele estão contidas atividades que demandam necessidades afetivas as quais não cabiam ao homem (Althoff, 1996), como é o caso da educação. Diante disso, parece ser contraditório a educação estar vinculada ao papel masculino, como aqui se apresenta.

Não obstante, a educação a qual os pais se referem diz respeito a uma educação voltada para a estruturação da moralidade dos filhos. De acordo com os participantes, no papel paterno existe certa preocupação em formar os filhos para o bem, direcionar os filhos para o caminho correto dentro da sociedade, tal qual afirma Ulisses nesse fragmento “*você se preocupar com o que se pode fazer de correto na sociedade*”. Em estudo acerca das concepções de casais sobre o comportamento paterno ideal e real, foi verificado que o domínio de interação parental *disciplina* foi visto como o de maior participação paterna (Prado, Piovanotti & Vieira, 2007). Esta visão estrutura-se sob um discurso patriarcal onde o pai funciona como figura de autoridade moral na preparação para a inserção social, ou seja, é uma educação comprometida com o social, voltada para a vida em sociedade.

3- Responsabilidade (Participação; Cuidado; Disciplina; Referência)

Quando o homem se torna pai a responsabilidade aumenta marcando a vida masculina, dentro dela a participação familiar é um comportamento exigido ao homem.

Estar presente é estar sempre assim, ao lado da criança. (...) é que a criança necessita de ter uma pessoa presente nas suas necessidades. Nem sempre ela pode dizer a você, assim abrir a boca, mas você como um pai observador e um pai presente, aí você sabe as atitudes de seu filho. (Ajax, 42 anos, 2 filhos)

A expressão “estar presente” foi fortemente relatada como representação dessa participação paterna. Ao que parece o “ser presente” é usado pelos participantes como forma de reconfigurar o papel de pai dando um novo sentido cuja demonstração de cuidado prevalece legitimando a paternidade. Participar implica necessariamente estar presente proporcionando cuidados de naturezas diversas:

Eu acho que a questão de ter mais cuidado com as coisas, de ser mais presente, de ser realmente pai. (...) cuidar é exercer realmente o papel de pai. (Zeus, 31 anos, 2 filhos, 4 salários)

Foi enfatizada a paternidade associada ao cuidado com o filho, entretanto um cuidado integral, que contempla várias dimensões que não apenas a financeira, a responsabilidade do pai se faz por uma integralidade, é uma função multifatorial:

(...) é em ter cuidado com a criança, ter zelo por ela. Não é ter, como muitos pais aí, que tem muitos filhos que tanto faz, quem quiser que cuide. (...) responsabilidade é nesse sentido de ter cuidado, com a educação, com a saúde, com tudo da criança, (...). (Agamemnon, 45 anos, 2 filhos)

A palavra “cuidar/cuidado” pareceu estar imbuída por um sentimento ambíguo, onde se misturam a responsabilidade na provisão de bens, bem como a importância de se observar a necessidades afetivas e educativas. Ante essa aparente ambiguidade, compreende-se que o homem busque entender sua função como multifatorial. O cuidar pleno foi visto como vivência da nova paternidade tal qual salienta Montesinos (2004), no sentido de que no exercício de ser pai há compromissos além da responsabilidade financeira (Montesinos, 2004; Gomes & Resende, 2004; Cebotarev, 2003).

Ser pai também é ter responsabilidade com a disciplina, é manter a ordem e um senso de moralidade dentro do lar. A disciplina sempre esteve associada a identidade paterna, neste sentido aqui a disciplina foi ressaltada como necessária:

“(...) também tem que ter a hora de disciplinar, porque nem tudo a gente pode ficar passando a mão, (...) Pode sim impor disciplina, sem ser extrapolado, porque tem algumas pessoas que quer logo matar, esfolar, eu acho isso errado. Tem que primeiro saber os pontos, não vai se julgar logo de primeira, não vai logo atirar a pedra, vamos olhar primeiro”. (Ajax, 42 anos, 2 filhos)

Neste sentido, a identidade paterna é alicerçada pelos conceito de masculinidade hegemônica e modelo patriarcal de família cuja ordem e disciplina são instituídas pelo pai o qual detém todo o poder sobre a família (Connel, 1995; Xavier, 1998). Resultados semelhantes foram corroborados por Romanelli (2003), em estudo com famílias de classe média, foi verificada a representação do pai como responsável por controlar e vigiar a conduta do filho, o pai foi concebido como aquele que delimita a fronteira entre o privado e o público, o permitido e o proibido, contudo sem utilizar de autoritarismo.

Compondo a função paterna existe ainda a responsabilidade em ser uma referência

para o filho, nisso enxerga-se o compromisso paterno na formação do caráter dos filhos.

(...) eu acho, que eu tenho um caráter bom, eu sou um homem bom, eu me acho um homem bom, ser um homem bom pra meu filho, como eu acho que sou. É um referencial sem dúvida, sem dúvida. (Hércules, 32 anos, 1 filho)

Na formação do caráter, a transmissão de valores íntegros esteve atrelada a figura do pai, portanto cabe ao pai ser “referencial”, ser “exemplar”, ser um “espelho” para o seu filho, sobretudo trazendo bons valores.

Para que se efetue esta referência é necessário que o homem-pai se resguarde quanto as suas atitudes e comportamentos, nesse sentido a paternidade traz mudanças à personalidade masculina. Esta constatação já foi verificada na categoria 1 quando os participantes referiram a paternidade enquanto um fenômeno de transformação pessoal masculina. As mudanças na vida masculina se justificam em função da referência que os pais devem ser para seus filhos. A partir do momento em que se é pai suas ações implicarão em princípios-guia para as ações dos filhos, deste modo o homem há que se policiar para que seu comportamento transpareça uma boa conduta perante o mundo.

4 - Realização

A vivência da paternidade pode trazer grande felicidade e satisfação subjetiva que faz o homem-pai concebê-la como uma realização. Na categoria 4, emergiram concepções da paternidade vinculadas a esta representação, a saber:

Eu me sinto feliz, me sinto realizado, me sinto é que realmente, é a completude do ser humano mesmo. (...) E o fato de chegar em casa e botar ele pra brincar, pra dormir, pra conversar com ele, pra educar, pra conversar tudo isso aí, me traz uma felicidade imensa. (Hélio, 34 anos, 2 filhos)

Nesta perspectiva, a paternidade foi retratada como um acontecimento único e transformador que complementa a vivência masculina, que faz o homem ascender a um estágio maior tornando-o mais inteiro, mais completo, desta maneira relatou Hélio “é a completude do ser humano mesmo”.

A realização do sonho pode estar envolta por uma necessidade do homem em perpetuar sua descendência ou mesmo uma forma de se autopromover enquanto pessoa. O fenômeno da paternidade pode trazer ao pai certa satisfação a qual se caracteriza pelo fato de poder contribuir para a descendência de sua família, o filho passa a ser de fato a realização desta empreitada, sendo inclusive visto como uma extensão do pai no processo histórico familiar. Essa constatação pode ser verificada na fala de Helano logo abaixo.

Eu me senti muito realizado. Pronto, hoje eu posso morrer tranqüilo, já deixei um fruto é uma representação minha, (...) ‘Oh o filho do Helano, como ele tá, estudioso, trabalhando tá entendendo’. Eu me sinto realizado (...). (Helano, 26 anos, 1 filho)

Um ponto de relevância verificado nesse estudo refere-se à diferença na experiência da parentalidade no homem e na mulher. A realização da paternidade no homem está ligada a concretude do filho, ao passo que na mulher ocorre muito antes dado à experiência gestacional. Para os homens o nascimento do filho “realiza o amor de pai”, vê-se com isso a relação da paternidade com a materialidade. Pode-se então inferir que a função de pai principia, objetivamente, com o nascimento do filho, antes disso o pai é um mero participante. As evidências de tais achados estão implícitas na fala de Hércules que se segue:

(...) quando você ver que aquilo ali é verdade, que aquela criatura é sua cara inclusive, é sua cópia miniaturizada, aquilo ali transforma, realiza o amor do pai. Não é que não ame, ou que ame menos, mas a realização pra mulher é antes da realização pra o homem. (Hércules, 32 anos, 1 filho)

5- Limitações (Pessoais; Materiais)

As limitações pessoais dizem respeito a peculiaridades da vida masculina as quais impossibilitam o transcorrer satisfatório da experiência paterna. A própria discrepância entre o real e o ideal se configurou como uma limitação pessoal a ser superada.

Eu já fui mais ou menos encaixando como eu estou longe de ser um pai assim exemplar como diz o ditado, né, porque tem muita coisa aí que eu poderia fazer, isso só quem faz mais é ela (a mulher), é ela, é ela. (Urano, 32 anos, 2 filhos)

Existe um sentimento o papel de pai poderia ser melhor desempenhado caso suas crenças fossem condizentes com o comportamento atual. Nesta perspectiva, o comportamento paterno real e ideal no que se refere ao domínio da interação social foi avaliado como discrepantes, em estudo realizado com casais. Os casais avaliaram que o ideal de interação social é significativamente superior ao real, e os homens relataram que deveriam ter um maior envolvimento com os filhos (Prado, Piovanotti & Vieira, 2007). O diálogo com a criança foi apontado pelos participantes como um fator de dificuldade na criação dos filhos:

(...) a dificuldade de se adequar a esse novo modo de vida que vai requerer uma dedicação de você, logo no início, e você talvez ache isso ruim. (...) dificuldade de criação, de conversar, dialogar, a conversa do filho é diferente da conversa do pai, eles tem um novo modo de pensar, e é difícil a gente explicar as coisas para o filho, conviver, educar nessa idade de cinco anos. (Homero, 37 anos, 2 filhos)

Homero expressa em sua fala a inadaptação com a interação pai-filho na primeira infância. Sobre a participação paterna no desenvolvimento infantil na primeira infância, Seródio (2009) refere que o prazer sentido pelo pai no exercício paterno (gratificação parental) tem estreita relação com o desenvolvimento infantil, especificamente na forma

como a criança se autoconceitua nas dimensões de aceitação dos pares, competência física e cognitiva. Deste modo, segundo esta autora, é importante a inserção do pai nos estágios iniciais da vida psíquica da criança, uma vez que a gratificação parental do pai no ato de cuidar favorece na construção de um autoconceito infantil mais seguro e positivo.

Foram apontadas questões objetivas no processo paterno as quais designam também limitações. Desta maneira, o trabalho foi indicado como o grande fator limitador de uma boa atuação do papel paterno. O pai trabalhador é impossibilitado de se envolver mais afetivamente com os filhos, dado a sua condição de estar grande parte do seu tempo externo à família.

(...) devido ao meu trabalho, eu tô falando por mim, eu acho que fico devendo a meu filho, ta entendendo. Atividade acompanhada até mesmo quando meu filho vai sair só comigo, quer levar a mãe. E quando vai sair só com a mãe, nem pergunta se eu quero ir, entendesse, devido o convívio que tem mais com a mãe. (Atreu, 34 anos, 1 filho)

A dificuldade de não dispor de tempo útil para os filhos acaba por afastar o pai das atividades de cuidado e, ainda, reforça o convívio da mãe com o filho. Como consequência deste fato o pai acaba por se sentir marginalizado do processo. Corroborando este achado, em pesquisa com famílias, Romanelli (2003) observou que os relatos dos filhos associaram a intimidade, a expressão de afeto, emoções, temores e dúvidas, à figura materna; enquanto o pai foi visto como alguém distante cuja intimidade é difícil. Foi apontada a quantidade de tempo fora de casa, vivido pelo pai, como justificativa para essas representações.

O pai vive a paternidade sob o viés de um impasse, trabalhar e estar presente em casa. O trabalho então representa uma limitação material que afasta o pai de sua atuação ideal. Acerca disso, Viera e Souza (2010) apontam que o equilíbrio foi representado como característica importante na concepção de paternidade. Para os pais estudados por essas autoras, na atuação da paternidade deve existir um equilíbrio que envolva responsabilidade, cuidado, carinho, compreensão, orientação e educação, todos estes elementos estão vinculados, foram vistos como condições para ser um “bom pai”.

As limitações podem estar envolvidas com habilidades práticas de cuidados domésticos infantis as quais os pais não dispõem normalmente. Mesmo sob uma perspectiva de participação, o homem-pai ainda experimenta na sua vivência complicações que encontram base no que fora instituído enquanto sendo atividade de homem ou de mulher na divisão sexual do trabalho dentro da família. Mesmo havendo um esforço por parte do homem em se mostrar atuante e participativo, o estigma da diferença sexual parece prevalecer tornando o processo mais complicado.

Aí coloco a fralda, coloco ele pra dormir, porque assim ela (a mãe) gosta bastante de dividir. Dar banho nele eu não dou banho, porque ela que sabe dar banho, pegar e certas coisas. (...) tem coisa que eu não faço, que eu não tenho jeito, quando ele faz ‘cocô’ pra limpar. (Hefesto, 38 anos, 1 filho)

Quando relata “*eu não tenho jeito*”, Hefesto ainda transparece valores de uma masculinidade hegemônica que reforça a dominação masculina restringindo o homem ao externo. Entretanto, o comportamento de dividir as tarefas com a esposa o coloca num perfil de transformação da identidade paterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paternidade enquanto construção social é moldada conforme o tempo histórico em transição. A identidade paterna é tida como algo em constante transformação a depender do contexto sócio-histórico do homem e os sentidos atribuídos pelos sujeitos, neste sentido, a forma com a qual o homem foi socializado vai implicar necessariamente na sua identidade paterna e, conseqüentemente, no seu comportamento frente a paternidade. Tais constatações podem servir de base no planejamento e implementação de políticas públicas de assistência à saúde do homem e da família, sobretudo no campo da saúde reprodutiva.

REFERÊNCIAS

Aita, E. B. & Facci, M. G. D. (2011). Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Revista*, v. 17, n. 1, p. 32-47.

Althoff, C. R. (1996). Dimensionando o espaço da família, no âmbito do público e do privado. *Cogitare Enferm.*, v. 1, n. 2, p. 35-38.

Amaro, E. C. V. M. (2008). Paternidade: novos e velhos valores: uma experiência no setor de Maternidade da Unidade Integrada de Saúde Herculano Pinheiro. Trabalho de conclusão de curso de graduação. Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ.

Áries, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Cebotarev, E. A. (2003). Familia, socialización y nueva paternidad. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 1(2), 53-78.

Ciampa, A. C. (2001). *A estória do Severino e a História da Severina*. São Paulo: Brasiliense.

Coonell, R. W. (1995). *Masculinities: Knowledge, power and social change*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press.

Figueiredo, M. A. C. (1993). Profissionais de Saúde e AIDS. Um estudo diferencial. *Medicina*. Ribeirão Preto, 26(3), 393-407.

Freitas, W. M. F.; Coelho, E.A.C. & Silva, A.T.M.C. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 23(1), 137-145.

Gabriel, M. R. & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), p. 253-261.

Gomes, A. J. S. & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.

Jager, M. E.; Botolli, C. (2011). Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), p. 141-153.

Montesinos, R. (2004). La nueva paternidad: expresión de la transformación masculina. *Polis*, 4(2), 197-220.

Oliveira, A. G. & Silva, R. R. (2011). Pai contemporâneo: Diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. *Psicol. Argum.*, 29(66), p. 353-360.

Papalia, D. E.; Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed.

Prado, A. B.; Piovanotti, M. R. A. & Vieira, M. L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 1, p. 41-50.

Romanelli, G. (2003). Paternidade em famílias de camadas médias. *Estud. pesqui. psicol.*, v. 3, n. 2, p. 79-96.

Santos, J. B. & Santos, M. S. C. (2009). Família monoparental brasileira. *Rev. Jurídica*, v. 10, n. 92, p.01-30.

Serôdio, S.G. (2009). *A Função Paterna e o Desenvolvimento Infantil: Influência da Gratificação Parental e da Presença versus Ausência nos Primórdios do Auto-Conceito da Criança*. Dissertação de mestrado. Lisboa, Portugal. Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

Silva, M. R. & Piccinini, C.A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o desenvolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.

Sirgado, A. P. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, Ano XXI, n. 71, pp. 45-78.

Staudt, A. C. P. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.

Sutter, C. & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *PSICO PUCRS*, 39(1), 74-82.

Szymanski, H. (2004). Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. *Rev. Estudos de Psicologia*, 21(2), 5-16.

Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Xavier, E. (1998). *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos.

Piazzalunga, C. R. C. & Lamounier, J. A. (2011). O contexto atual do pai na amamentação: uma abordagem qualitativa. *Rev Med Minas Gerais*, 21(2), 133-141.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cidades Brasileiras 9, 29, 216

Conflitos Linguísticos 9, 12, 228

Conservação e restauro 10, 50, 51, 52

D

Documentação fotográfica 10, 1, 2, 5, 6, 8, 12, 16, 17

E

Educação 9, 12, 13, 47, 56, 59, 102, 125, 146, 170, 172, 173, 174, 177, 179, 202, 210, 224, 231, 233, 241, 242, 244, 245, 251, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 302, 303, 305, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 333, 335, 336, 339, 340, 342, 346, 347, 348, 349

Educação Patrimonial 224, 311, 313, 340

Educação Profissional 12, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 339

Ensino de Ciências 13, 304

Ensino de Geografia 12, 277, 278

Ensino de História 319, 349

Etnobotânica 102, 126

F

Feminino 9, 152, 153, 155, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 173, 180

Formação Continuada 9, 12, 13, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 291, 292, 299, 300, 301, 302

G

Gênero Biográfico 12, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 209

I

Identidade 11, 12, 3, 10, 11, 17, 19, 35, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 59, 66, 73, 155, 165, 167, 169, 170, 172, 174, 178, 188, 192, 197, 203, 211, 212, 224, 233, 236, 239, 240, 251, 262, 263, 264, 265, 273, 296, 326

Iniciação científica 333, 339, 342, 343, 347

L

Ludicidade 311, 314, 315, 316, 317

M

Mobiliário Urbano 10, 18, 19, 20, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34

Morfologia 127, 128, 131, 133, 134, 136, 137

P

Paisagem cultural 10, 18, 20, 24, 25, 29, 30, 32, 41, 50, 69, 71, 72, 73, 82, 211, 213

Paisagem industrial 10, 69, 71

Paisagem rural 10, 69

Paternidade 9, 11, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 194, 323

Patrimônio ambiental urbano 50, 57, 63, 64, 66

Patrimônio Histórico Cultural 212, 214, 225, 226

Patrimônio industrial 62, 66, 69, 260

Pertencimento 9, 2, 4, 35, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 149, 159, 211, 213, 224, 282, 300, 302

Políticas Públicas 140, 147, 150, 178, 211, 213, 225, 275, 284, 286

Práticas agroalimentares 9, 11, 140, 142, 149, 151

Práticas Pedagógicas 269, 278, 282


S

Sabedoria popular 102

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 